

TRADIÇÕES ORAIS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS REGIÕES INSULARES DE ANANINDEUA¹

Hiran de Moura Possas²

hiranpp@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resumo:

Revisitando algumas narrativas orais testemunhadas no corpo-a-corpo com moradores das ilhas do município de Ananindeua, algumas informações apontam para como foi gestada a idéia de se construir a única Escola que atende a região: Domiciano Farias, como também indicam o “tenso” convívio dos saberes da experiência com os saberes paradigmáticos promovidos nesta Escola. Entre as difíceis lembranças reconstruídas pelos antigos moradores, despontam imagens ligadas à exclusão, motivando alguns professores que atendem à região para laborar projetos de pesquisa e intervenção social sobre identidades docentes e discentes a partir de práticas de leitura fundamentadas em narrativas orais desse microcosmo amazônico.

Palavras-Chave: Oralidade; memória; educação.

ORAL TRADITIONS IN PEDAGOGICAL PRACTICES OF THE REGIONS OF ISLAND ANANINDEUA

Abstract: Revisiting some oral narratives witnessed in hand-to-hand fight with the islanders of the city of Ananindeua, link to some information as gestated the idea of building a single school that serves the region: Domiciano Farias, but also indicate the "tense "knowledge of experience of living with the knowledge paradigm promoted in this school. Among the difficult memories for former residents rebuilt, delete images linked to emerge, prompting some teachers to the region that cater to labor and intervention research projects on social identities teachers and students from reading practices based on oral narratives of this microcosm of the Amazon.

¹ Município brasileiro do estado do Pará. Localizado na Grande Belém, sendo o segundo município mais populoso do Pará, e o terceiro da Amazônia. Sua população é estimada em 471.744 habitantes. (IBGE/2010) O nome Ananindeua é de origem tupi, deve-se a grande quantidade de árvore chamada Anani produtora de resina de cerol utilizada para lacrar as fendas das embarcações. A cidade é originária de ribeirinhos, começando a ser povoada a partir da antiga Estrada de Ferro de Bragança.

² Professor da rede pública estadual de ensino do estado do Pará. Especialização em Teoria Literária. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA (Universidade da Amazônia). Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

Keywords: Orality; memory; education.

I- Introdução

Dentre todos os ruídos da natureza, a voz humana sempre mereceu de minha parte uma atenção especial, principalmente a voz dos poetas rapsodos. Os inúmeros “Era uma vez” ou “contam os antigos” ainda ecoados, em plena modernidade, testemunham a sobrevivência de um todo orgânico capaz de seduzir e de transportar plateias para outras dimensões, expressando-se, não só por suas cordas vocais, como também por uma sinergia de recursos, que numerosas ciências tentam compreender.

Nessa perspectiva, recolho algumas peças de minha memória para citar o primeiro encontro com as redes de sentido da região das ilhas de Ananindeua. Circunavegando nas instâncias do imaginário e do simbólico, os imprevistos das marés durante a viagem de rapeta³ - único meio de transporte para a localidade - deixaram-me preocupado e, ao mesmo tempo, atraído pelo repertório das explicações expostas pelo condutor do barco. As fases da lua e os assoreamentos naturais ou os causados pelas mãos humanas estariam fazendo as margens comprimirem os rios e os igarapés, favorecendo o desaparecimento da biodiversidade dos mangues.

Ao final dessa miniodisséia, não fui transportado para fora do século XXI, como previa, mas sim para as imprevisíveis telas da região, dentre as quais, a primeira delas: a Escola municipal Domiciano Farias⁴, “cravada” no meio das matas da comunidade do Igarapé Grande. O desejo de regresso no tempo, mais tarde, foi “diagnosticado” como uma crise de miopia cultural felizmente não confundida com o olhar do turista *voyeurista* costumeiramente dirigido às populações da Amazônia.

³ Denominação dada à pequena embarcação motorizada.

⁴ A Escola fica localizada na Comunidade do Igarapé Grande, atendendo às comunidades próximas além de alunos moradores do bairro do Curuçambá, Ananindeua/PA.

Sujeitos à ação criativa desses contadores de “causos”, trilhas pela terra, pelas águas e pelo imaginário⁵ e paisagens signos se tornam projetos de vida, quando observadas de perto, nas reminiscências do trabalho, da escola e do lazer, desconstruindo pré-leituras associadas ao “ribeirinho” e oferecendo um ângulo privilegiado para o reconhecimento de narrativas que dilatam a percepção para práticas cotidianas carregadas de simbolismo.

Universos simbólicos testemunhados pelo olhar, pela escuta, pelo cheiro e pelo gosto, formatam espaços de interações, dentre as quais os encontros “naturais” e plurissensoriais repletos de sentidos dos sujeitos sociais com as encantarias, sejam nas casas conchas, sejam nas ruas trilhas, nos rios avenidas ou nos mais recônditos espaços do “mato” cartografados pela minha efêmera⁶, mas intensa presença.

Celulares, rádios e recentemente a televisão, agora com a chegada da energia elétrica, se embaralham com as “contações” das histórias, fazendo, especialmente da ilha de João Pilatos um espaço cultural de pertença múltipla pelo qual o passado não se torna nostálgico ou simples congelamento de fatos, mas sim funcional e revelador de certas representações como as casas de madeira misturadas às construções de alvenaria, verdadeiras fortalezas, casas útero, refúgios, conchas, lugar confortável e ponto de referência no mundo.

Há também existências de espaços significativos no interior de espaços, sentidos e embutidos em sentidos, como uma referência especial à Escola Dominiciano Farias, um microcosmo de múltiplas significações que atende às quatorze⁷ ilhas da região, oferecendo ensino fundamental. Ela é o verdadeiro e o principal motivo de ter convivido de tão perto com a região.

II- Vozes Que Nunca se Calaram

⁵ As definições sobre o imaginário estão longe de um consenso, por isso associo ao termo as considerações apresentadas pela sociologia do imaginário, um segmento da sociologia que, em uma obra coletiva organizada pelo sociólogo Patrick Legros, descobre-se que o véu que dissimula o fantástico, o “irreal”, o imaginário, nada mais é do que a sociedade cotidiana.

⁶ Convivi diariamente com esses sujeitos sociais por cerca de quatro anos, mas as lembranças e os laços de afeto perduram ainda hoje.

⁷ Dados do IBGE e das Secretarias Municipais de Ananindeua apontam a existência de quatorze ilhas, mas se deixarmos de lado a história das mentalidades, há quem diga que podem ser mais ilhas. Apenas ainda não foram registradas as suas existências.

A Escola foi gestada na década de 70 quando, em meio às velas, causos e utopias, os moradores sentiam a necessidade de inserir “a meninada” na Escola, pois para eles viverem das “forças da natureza” já estava ficando mais difícil. A escassez do pescado e da caça dificultava a sobrevivência estando na hora de experimentar outras opções de vida, como a “da garotada” virar “dotô”.

Em convênio com a Prefeitura Municipal de Ananindeua, na gestão do “Poli”⁸, o primeiro passo para a concretização do sonho de se construírem “paredes” fora dado quando os moradores transportaram nas suas rapetas todo o material de construção disponibilizado pelo poder público municipal. Enquanto as aulas eram realizadas nas varandas das casas, os moradores forneciam a mão de obra para construção do prédio; eram as merendeiras que limpavam “as salas de aula” cercadas pela mata. Havia uma relação orgânica entre a casa escola e as estruturas que as pessoas construíram sobre ela, fazendo com que sujeitos culturais investissem sobre esse espaço poderes espirituais, mágicos, como era considerado o “milagre da leitura”. Metaforizada pela abertura de portas, a leitura seria instrumento *sine qua non* para a concretização de um projeto imaginado pelos moradores para “lutarem melhor por seus direitos”. A proximidade das casas com a Escola reforçava certa cumplicidade e intimidade da comunidade com os primeiros funcionários. A Casa era a Escola. A Escola era a Casa. Tudo fazia parte de um mesmo espaço. Não havia limites que determinassem o término das casas e o começo da Escola.

Essa cena sócio-cultural de intensa sinergia entre a comunidade e a Escola de outrora contrasta com as difíceis situações atuais retratadas pelo morador Antonio Faria (2008) quando rememora as dificuldades que filhos e netos enfrentam para estudar. Existe um descaso com o lugar por parte dos seus representantes, abafando cenas culturais carregadas de sentidos, como as paradoxais trilhas, verdadeiras “ruas” do mato garantindo, no verão, o ir e vir dos agentes de saúde, dos estudantes e dos trabalhadores, revelando também retalhos de experiências como a prática de se pedir licença para a mãe do mato – um ato semelhante à tomada de bênção da mãe – talvez, na minha humilde leitura, um pedido de bênção à mãe terra, recebedora do último repouso de seus filhos.

⁸ Os moradores da região usam esse apelido para se referirem ao prefeito da época (1971 a 1972 – 1983 a 1989): Paulo Falcão.

A trilha, além de um corredor, é também usada para ancoragens ou “bate papos”. Grande parte do que ouvi sobre a região foi testemunhado em quase uma hora de caminhada para chegar à comunidade desejada. Nela, testemunhei relações horizontais e colaborativas; produções de narrativas, territórios de negociação econômicas e sociais, dentre os quais, recentemente, os diálogos acerca da chegada da energia elétrica⁹, o que vem fazendo os moradores repensarem sua existência a uma possível conexão com outras redes afetivas, com outros interlocutores, com outros imaginários: o mundo globalizado. Na relação entre o universal e o particular, entre unidade e totalidade se constrói a rede das relações interpessoais e, dentro dessa “rede” é o sujeito que recria significados e confere sentidos ao seu lugar.

Pelos labirintos líquidos – verdadeiros oceanos de água doce – o regime das águas regula e reflete a vida dos sujeitos culturais da região. Esse sistema arterial e venoso produtor de intermináveis teias e ramificações participam também das representações simbólicas dos moradores. O rio “[...] hipnotiza, solapa, restaura, faz parecer e reaparecer ilhas, esconde embarcações encantadas na manga de sua casaca de onde, devora cidades, alimenta populações, guarda em suas profundezas ricas encantarias como o boto, iaras, anhangás, boiúnas, cobras - Norato [...]” (LOUREIRO, 1995).

Cenas líquidas são recorrentes, como o banho nos igarapés, uma prática social refletindo *flashes* do real revestindo do sobrenatural. Crianças, exímias nadadoras – “os botinhos” – muitas despreocupadas com a paternidade não assumida, se divertem e entretêm um público atendo e divertido. Para os adultos, o mergulho nos rios e igarapés é um momento de renascerem, se energizarem, e de se sentirem “renovados, o que Chevalier & Gheerbrant (2009) significa o contado com: “[...] A água viva, a água dá vida, se apresenta como um símbolo cosmogônico. É porque ela cura, purifica e rejuvenesce, conduz ao eterno [...]”.

O olhar ao processo educacional destoa se comparado aos tempos pretéritos como bem retrata seu Otacílio Silva (2008), negro, morador nativo da Comunidade do Igarapé Grande ao sinalizar pelas “brechas” de suas lembranças as representações, segundo ele pouco funcionais, que a Educação tem na vida dos moradores. Pregiar papel na parede falando de lendas é um

⁹ A prefeitura de Ananindeua, em parceria com o governo federal, entregou mais de 28 quilômetros de energia elétrica na Ilha de João Pilatos, no sábado (19). Mais de 230 moradores de cinco comunidades foram beneficiados. Os moradores das comunidades de Bela Vista, Maritubinha, João Pilatos, Igarapé Grande e Nova Esperança. Pela primeira vez viram a televisão funcionar sem auxílio de geradores, responsáveis pela produção de energia, mas não em tempo integral. Disponível em: <http://www.ananindeua.pa.gov>. Acesso em: 19 de setembro de 2009.

desperdício, quando vozes sedentas de contar sobre essas mesmas narrativas não são convidadas para depor essas experiências.

Se pensarmos nessas vozes que nunca se calaram - apenas não as escutávamos pelo “refinamento” de nossa sensibilidade estética, cultural e social. Feita essa ponderação, esse imaginário oralizado se impõe àqueles que escolhem unicamente as “verdades” de laboratório – uma verdadeira cruzada pela desmistificação – desaguando na compreensão de que as narrativas orais não se restringem simplesmente paisagem cultural ancestral.

O passado pulsa em situações sutis do presente dos sujeitos culturais das ilhas de Ananindeua, demonstrando que ao criarem e recriarem o labor diário de suas vidas, estratégia e ações também pedagógicas, como a dos contadores de “causos” e de assombrações dessa região.

Creio, assim como Morin (2000), no reencontro das culturas científicas com as culturas humanísticas e na incompletude e no inacabamento destes saberes. Sou radicalmente um crítico à racionalidade pautada em verdades absoluta. Vejo na reforma educacional a concretização do ideal freiriano de uma sociedade mais justa e igualitária.

O conhecimento na escola em questão não pode se restringir a visões abreviadas da vida, quando não simples traduções de uma realidade.

Os magnos problemas da humanidade, dentre os quais a questão da Educação, não podem ser tratados e explicados exclusivamente pelos cientistas. Existe uma zona invisível em cada paradigma, o que atesta sua instabilidade epistemológica. O que dizer do caráter axiomático na determinação de conceitos, como, por exemplo os binarismos hierarquizadores: pobre X rico; urbano X ribeirinho; alma X corpo.

Tais dicotomias soberanas precisam ser revistas, pois na tentativa de elucidar e revelar, podem ocultar e cegar fazendo-nos confundir o mapa do terreno. Na ótica de Morin (2000) da qual compartilho, um *Imprinting*¹⁰ cultural sempre quer se estabelecer, causando um certo conformismo cognitivo ou uma domesticação de nossas ações.

Interrogar e problematizar as verdades é abrir caminho para metapontos de vista, permitindo o desabrochar do pensamento complexo:

¹⁰ "Imprinting" é o termo proposto por Konrad Lorenz para dar conta da marca indelével imposta pelas primeiras experiências do animal recém nascido. O "imprinting" cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o elo da cultura familiar; depois da cultura da escola, prosseguindo pela universidade e na vida profissional.

“Quanto sofrimento e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora no século XX. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem ser brinquedos inconscientes não só de suas idéias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez” (grifo nosso)¹¹

Articular e reorganizar o pensamento científico com os saberes da experiência é fazer do pensamento disciplinar multidimensional, pois deve ser prioritário, para o Educador, a compreensão de que precisará sempre ligar as partes ao todo e o todo nas partes.

Uma reforma educacional não é simplesmente, como muitos pensam, de caráter programático, mas sim paradigmático, porque inclusive o global e o local precisam ser articulados, principalmente tratando-se da conjunção da racionalidade sistemática como as humanísticas: a paixão, o temor, o medo e o pânico, dentre outros.

Na sustentação dessas considerações levantadas, o terreno movediço da identidade não pode ser desprezado. Lendo os atores sociais das ilhas de Ananindeua como criaturas híbridas, inacabadas e fronteiriças, não encerrei as discussões sobre as representações identitárias, mas sem dúvida houve o fortalecimento e a crença de que as propostas curriculares precisam desatrelar identidade das questões de pele. Os problemas da humanidade estão de tal forma “amarrados” que não há mais espaço para visões e espíritos redutores, como os pensamentos etnocêntricos e sociocêntricos.

Essa minha simpatia pelos estudos multiculturais não significa dizer que o utilizo como único simulacro metodológico para realizar as leituras identitárias dos moradores das ilhas de Ananindeua. Pelo contrário, como bem alerta Pinar (2009), há tentativas fracassadas, até aqui, para o reconhecimento da diferença alimentando consequentemente o fracasso do reconhecimento.

Não só os colonizadores e seus descendentes compreenderam mal o Outro. Os colonizados e seus descendentes, como Frantz Fanon predisse, apreenderam mal a si mesmos. Os binarismos que estruturam o canibalismo e o genocídio culturais do colonialismo podem ter sido reinscritos nas culturas pós-coloniais. Na academia norte-americana, esta reinscrição tem sido alcançada por meio do estabelecimento – visível nos excessos – de políticas de identidades.

¹¹ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortes; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

III- Encontrando os “Diferentes”

Para empreender esta empreitada transversal, é necessário abrir mão de nossa confortável formação disciplinar, para penetrarmos em territórios desconhecidos e polifônicos, providos de uma epistemologia complexa, caracterizada pelas inúmeras resignificações e amplitudes conceituais, que sem dúvida, nos farão reconstruir o social de forma mais justa e igualitária, enfrentando os desafios que anunciados, neste início de século.

Não descarto as dificuldades de trabalhar sob esse entendimento, até porque a globalização se realiza e é entendida por alguns discursos homogeneizadores, fragmentadores e reordenadores de diferenças e de desigualdades sem o desejo de suprimi-las, conjunto de estratégias para reafirmar hegemonicamente conglomerados econômicos e estéticos.

Nessa travessia empreendida pelas trilhas dos saberes paradigmáticos e pelos saberes das ilhas de Ananindeua, minha curiosidade epistemológica alcançou voos inimagináveis, cada vez mais ousados à medida que, não tendo a pretensão de monopolizar pensamentos ou enjaular minhas considerações interpretativas a nenhuma episteme excludente, procurei experimentar transformações, pronunciando de forma mais audível, a vida dos moradores das ilhas de Ananindeua, seus saberes e suas memórias

Pronunciá-los de modo audível na minha compreensão seria reescrevê-los sob critérios mais éticos de interpretação, provocando olhares menos míopes sobre a riqueza de seus universos percebidos sem visões deterministas.

Metodologicamente, o trabalho pedagógico precisa ser repensado em uma perspectiva em que as diferenças não sejam apagadas ou rasuradas, mas sim exploradas e repensadas, para que sejam criadas contextos de aprendizagens que atendam às práticas de cidadania.

Parafraseando Freire (1997), estar no mundo é estar com os outros e tudo o que tenham a nos oferecer, e esse entendimento relacional foi decisivo para que as malhas discursivas e suas pluralidades de sentidos, ditadas por esses silenciados amazônidas, despontassem nesse exercício de escrita a partir de seus microcosmos sócio-culturais. Situações fundamentadas em práticas de letramento imposto a esses sujeitos culturais herdeiros e ainda praticantes de matrizes culturais orais, negam esses saberes, fazendo da

Escola em questão um corpo estranho e nada orgânico para as comunidades ribeirinhas atendidas.

Espero que, reservando esse espaço, para que essas vozes, quem sabe, sejam ouvidas, haja contribuições significativas aos estudos que entendem as fronteiras epistemológicas como permeáveis. Outros sujeitos culturais e suas práticas, especialmente as pedagógicas parecem estar ficando cada vez mais próximos de nós. O caos, a errância, a simplicidade, o onírico, o mítico, o primordial e a ambiguidade podem ser belos em um processo de ensino aprendizagem envolvendo todo mundo no exercício do encontro das diferenças.

IV- Referências

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 1998.

CANCLINI, Nestor Garcia. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Revista Opinião Pública, Campinas, v. 08, n. 01, p. 40-53. 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 2009.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARIAS, Antonio. Ananindeua: 12 de abril de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

FARIAS, Antonio. Ananindeua: 22 de junho de 2009. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; tradução de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Guaciara Lopes Louro. 7.ed. RJ DP&A, 2002.

LEGROS, Patrick et AL. *Sociologia do imaginário*. Trad. Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém. Ed. Cejup. 1995.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortes; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita*. Trad. Enid Abreu Dobranszky. São Paulo: Papyrus, 1998.

PINAR, William. Multiculturalismo malicioso. In: *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.149-168, Jul/Dez 2009 <http://www.curriculosemfronteiras.org> .

PORTELLI, Eduardo IN. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. Projeto história *Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de história da PUC-SP* (Pontífica Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, SP, 14, 1997.

POSSAS, Hiran de M. *Mitopoéticas orais: sopros anônimos de vida literária*. Porto Alegre: Letrônica/PUCRS, 2009.

_____, Hiran de Moura. *Poéticas orais: sopros da tradição na contemporaneidade*. Mato Grosso do Sul: Raído/UFGD, 2010.

QUEIROZ, Sônia. *A tradição oral*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências*. Revista de Ciências Sociais, 63, outubro 2002, p. 237-280.

SILVA, Otacílio. Ananindeua: 12 de abril de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

SILVA, Otacílio. Ananindeua: 22 de junho de 2008. Entrevista concedida a Hiran de Moura Possas.

THOMSON, Alistair IN: *Ética e história oral*. Projeto história, nº15. São Paulo. PUC-SP, 1997.